

RESUMO

Esta pesquisa visa explorar o conceito da Homeostase por meio da arte. De forma a desenvolver as possibilidades que este conceito da biologia oferece, surgindo como um caminho para pensar o corpo e suas corporeidade na contemporaneidade. Utilizando para isso uma divisão em três partes, cada uma possuindo suas próprias ramificações e funcionando de maneira complementar. Sendo essas partes a tensão, a cooperação e a metamorfose. Como fio da pesquisa, é utilizada a poética da autora enquanto artista, tendo como base suas produções artísticas em performance e desenho. Junto a isto são empregados imagens e textos poéticos, tecendo duas linguagens próprias, em um diálogo entre disciplinas e áreas do conhecimento, de forma a enriquecer o conceito da Homeostase dentro da arte. Dessa forma, este texto funciona como um mapeamento inicial de pontos de interesse para a pesquisa sobre o corpo na arte.

Palavras-chave: Corpo, homeostase, tensão, cooperação, metamorfose.

HOMEOSTASIS AND BODY: Clues for art studies

ABSTRACT

This research aims to explore the concept of Homeostasis through art. In order to develop the possibilities that this concept of biology offers, emerging as a way to think about the body and its corporeality in contemporary times. Using a division into three parts, each having its own ramifications and functioning in a complementary manner. These parts are tension, cooperation and metamorphosis. As a research thread, the author's poetics as an artist are used, based on her artistic productions in performance and drawing. Along with this, images and poetic texts are used, weaving two languages of their own, in a dialogue between disciplines and areas of knowledge, in order to enrich the concept of Homeostasis within art. In this way, this text works as an initial mapping of points of interest for research on the body in art.

Keywords: Body, art, homeostasis, tension, cooperation, metamorphosis.

1. Introdução/Justificativa

Faz algum tempo que ando em busca de uma forma de pensar o corpo, uma forma que não se limite às feridas e violências às quais esse corpo é submetido reiteradamente na contemporaneidade.

Em meio a essa busca, me deparei com o livro *A Estranha Ordem das Coisas* (Damásio, 2018), em que diversos conceitos da biologia são tratados de maneiras bastante inventivas. O que de início trouxe minha atenção para ele, foi a proposta de tratar os sentimentos e a cultura como questões advindas da biologia, pois parte do que pesquiso busca compreender como esse corpo se relaciona com o mundo partindo de uma noção de incômodo, então entender os sentimentos surgiu como uma partida para melhor compreender este incômodo.

Porém, ao longo da leitura me deparei com muito mais do que questões relacionadas aos sentimentos e à cultura, este livro traz uma série de questões densas, que se relacionam e se enriquecem.

Nisto o que se sobrepôs foi o conceito de Homeostase. Ao se fazer uma pesquisa rápida, Homeostase seria aquilo que regula os processos corporais, sendo responsável em manter os diversos fatores que permitem o funcionamento corporal em seus devidos níveis aceitáveis, para que este corpo não entre em

¹ Trexy é graduada em Bacharelado de Artes Visuais pela UFPB. Mestranda em Artes pelo PPGARTES-UFC. Faz parte do coletivo cultural Fuzz, onde produz eventos como o Primeiro Festival de Cultura Marginal: Parahyba Transversal. Trabalha com produção cultural, conservação de/em acervos artísticos e orientação de público. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9219395787999562>, Email: carocamenezes@gmail.com

colapso.

Porém, como o próprio autor fala e elabora, neste livro ela é algo mais, atuando como o fator fundamental para o desenvolvimento da vida como a conhecemos, possibilitando sua complexificação, diversificação, e consequentemente a própria formação dos sentimentos, cultura, linguagem e arte.

Homeostase é o conjunto fundamental de operações no cerne da vida, desde seu início mais antigo até o presente. (...) Ela assegura que a vida é regulada não apenas em uma faixa compatível com a sobrevivência, mas também condizente à prosperidade, a uma projeção da vida no futuro de um organismo ou espécie. (DAMÁSIA, 2018, p. 35)

Dessa forma, nesta pesquisa pretendo me apropriar desse conceito da biologia, desenvolvido por esse autor específico. Entender como ele é tratado, e mais do que isso, usando a Homeostase como uma forma que faça sentido para mim, no entendimento no corpo, do meu corpo, do corpo do outro, dos animais, dos vegetais, da vida e da arte. Para isto irei relacionar com outros conceitos de outras áreas do conhecimento, sendo a interdisciplinaridade uma constante.

“A ideia se dá no princípio de que quando aplicamos uma teoria que normalmente não é usada para observar determinados fenômenos, iluminamos de modo inusitado a discussão” (GREINER, 2006, p. 18)

Premissa aparentemente pretensiosa, devido a sua grande abrangência, pois para tratar do corpo Homo Sapiens é necessário tratar dos corpos que habitam este planeta como um todo. Há muito mais que os aproxime do que distancie. Porém, como uma fita para não me perder em meio a tantas possibilidades, há minha produção artística, afinal esta é uma pesquisa em artes. As obras surgirão como imagens que falarão por si só, jamais como complementos do texto. E também utilizo fragmentos de texto mais livres em sua escrita, flertando com a literatura.

Além disso, esta pesquisa é um mapeamento inicial, que ainda será aprofundada apropriadamente. Pois os conceitos que serão apresentados ainda necessitam do devido tempo para sempre trabalhados, se desenrolando em outras escritas.

2. Moldando uma Homeostase na Arte

Para o estudo da Homeostase como um conceito apropriado para/na arte, proponho dividir o estudo em três categorias que considero de maior importância, e nas quais podem ser pensadas diferentes fatores.

Espero que resulte em um tipo de ética que se faça útil para pensar o corpo, útil para mim enquanto artista, pesquisadora e pessoa. E sendo útil para mim, quem sabe se torne útil para outras pessoas. De forma alguma aqui se pretende propor uma teoria universalizante, ou à frente do pensamento do agora, uma opção moderna que resultaria em uma busca sem fim de um pensamento de vanguarda sobre o corpo.

Então, é importante se ter em vista isto. Este texto é fruto de uma experiência corporal individual em contato com outros corpos por meio de palavras.

As vidas terráqueas são verdades líquidas. São elementos participantes de equações que não respondem a uma igualdade, mas complexas sentenças matemáticas que se dispõem a anunciar em si mesmas a impossibilidade de as vidas terráqueas apresentarem-se numa única Forma. Sim, todas as vidas desse planeta estão conectadas no nível bioquímico, mas isso não deve ser traduzido numa proposta de igualdade, pois o que a diferença nos exige não é um tratamento igualitário/massificante, mas a disposição em construir interações ecossociais que assegurem a integridade da diversidade vital. (BRASILEIRO, 2022, p. 33)

3. O Incômodo

3.1 Mapeando o incômodo

O corpo em seus processos de Homeostase está sempre atento, pronto para identificar anormalidades, situações que merecem sua atenção no dentro e no fora de suas corporeidades. No dentro, tudo deve estar de acordo com o que se espera. Havendo sinais constantes do sistema nervoso, atento a ordem geral das coisas, aos humores das vísceras e suas exigências. No fora, aos rumores captados pelos sentidos, pele, músculos, cheiros, sons, e as imagens gerais que tudo isto forma ao atuar em conjunto.

É um tipo de atenção muito semelhante ao trabalho por Virginia Kastrup, fluante e aberta. Como um pássaro de rapina, voando alto nos céus, ele sente o vento, as partículas colidindo com suas penas, árvores de diversas espécies abaixo, capim, o relevo do terreno inconstante em ondas que sobem e descem, uma área inundada, jacarés, capivaras, mais capim e um ponto cinza desfocado, agitado, felpudo, com largas orelhas, olhos atentos, pernas fortes, a ave foca seus olhos poderosos no que chamou sua atenção e volta todo seu corpo num rasante, junto aos ventos, garras afiadas, uma lebre que se expande como se crescesse, gigante, colossal, sangue, carne, uma refeição e a certeza da vida para ela e para as suas por mais alguns instantes.

“Ela varre o campo até encontrar algo, que em função do estranhamento gerado, toque a atenção do cartógrafo e coloque um problema” (KASTRUP, 2019, p. 101)

Imagem 1. Autoria: Trexy, Performance, 2023.



Fonte: Acervo pessoal da artista.

3.2. A anestesia

Nosso corpo Home Sapiens não faz nada muito diferente disso, atento a tudo e focando a atenção em pontos específicos. Tomo aqui um fator fundamental para isso sendo o incômodo, é ele que nos avisa de uma ferida, algum problema nas vísceras do estômago, a dor de cabeça, um buraco logo a frente, um galho de uma árvore fraco para o sustento do peso.

Na arte esse incômodo se mostra igualmente importante para pensar o corpo. Na atual

contemporaneidade, se preza pela busca do banimento do incômodo, em uma série de processos de anestesiamientos gerais surgidos por inúmeros motivos. Seja pela vivência dentro do capitalismo tardio, em que se preza pelo indivíduo como forma de realização pessoal, sendo o gozo próprio o grande objetivo. Pela falta de perspectiva geral em um futuro que cada vez mais se apresenta como catastrófico, tanto pelas mudanças climáticas quanto pela precarização das condições e oportunidades de trabalho. As novas gerações já estão cientes que seus pais viveram melhor e de forma mais digna do que eles próprios.

Como forma de fugir de um cotidiano tão maçante, os celulares e redes sociais surgem como oceanos repletos de imagens e sons que bombardeiam constantemente mentes ainda em formação. Mais do que isso, constroem uma visão do eu totalmente fragmentada em dois mundos, lapidada pela câmera dos smartphones, e infinitos filtros para todos os gostos.

Encontrou-se, na reprodução por meio da aparelhagem, uma aplicação altamente produtiva para a autoalienação (...) do ser humano. Essa aplicação pode ser medida a partir do fato de a alienação do ator diante da aparelhagem, (...) ser a princípio do mesmo tipo que a alienação do ser humano diante de sua a aparição no espelho, na qual os românticos tinham gosto em demorar-se. (BENJAMIN, 2017, p.79).

Disto surgem corpos com vivências corporais pulverizadas e anestesiadas. Sendo o incômodo um meio para ativar o foco do corpo, capaz de propor uma atenção da Homeostase não só de maneira “inconsciente”, para questões urgentes como uma ferida, mas para o estar presente no agora, sentindo algo de errado que se instalou ali, sempre presente, mas acobertado.

Imagem 2. Autoria: Trexy, Performance, 2023.



Fonte: Acervo pessoal da artista.

3.3. Grotresco

Para trabalhar esse incômodo, faço uso do Grotresco, um conceito presente na arte ocidental há séculos, mas potente até a atualidade. Pois atua de forma a desestabilizar as certezas, trazendo a fruição para o campo do instável e do incerto, para isso atuando com o borramento de fronteiras, da pele, dos reinos,

das espécies, da vida. Como um sorriso que fora de seu lugar não remete à diversão.

“Ao invés de rejeitar ou esforça-se para normalizar a situação, parte-se do desconforto e da dor para se reinventar” (GREINER, 2023, p. 24)

Na arte que surge de mim esse incômodo muitas vezes vem com esse deslocamento, deslocamentos de corpos, membros, formas, gestos, sentimentos. Buscando ativar o que está anestesiado, trazendo a atenção para o agora.

Dessa forma, para pensar a Homeostase em minha poética, é importante tomar o grotesco como categoria capaz de ativar o incômodo e a tensão. Sendo essencial para uma consciência corporal presente, atenta aos seus arredores e capaz de realizar o foco em seus interesses específicos.

Imagem 3. A autoria: Trexy, Performance, 2023.



Fonte: Acervo pessoal da artista.

Sonhei que levantava de minha cama. Ao acordar tudo parecia diferente, denso, busquei lembrar do que havia sonhado naquela noite, pela janela a luz opaca de um sol que não traz calor, somente a claridade.

Sobre a cidade os pombos revoavam, chegou a notícia de que definitivamente são pragas, não pertencentes a este lugar, carregando dentro de si doenças, fluidos perigosos. Isto era inaceitável, na luz da manhã sem calor ouvi tiros.

Sentada ali na cama, a pele não possuía brilho ou cor, as linhas se desfazem fracas e sem jeito, o cabelo somente um amontoado de manchas. Tinha chegado o dia, os tiros continuavam, por toda a cidade os pombos caíram sem vida, sem corpos caindo em baques surdos em carros e telhados, árvores e calçadas, pintando de preto os arredores.

Você já viu as cores que existem em uma pena de pombo?

4. Cooperação

Tendo em vista o anestesiamento corporal geral tratado no tópico anterior, o individualismo é um de seus maiores pilares. Presente ao longo de boa parte do pensamento ocidental, onde a liberdade se

encontra por meio de realizações pessoais, e a figura do gênio surge como uma verdadeira aproximação entre o humano e o divino.

Esse individualismo se faz presente na própria noção de seleção das espécies, totalmente orientada pela predação, em um tipo de lei da selva onde prevalecem os mais fortes. Porém esta ideia está repleta de uma ideologia como qualquer outra, atuando junto com o mesmo pensamento que exemplifica a evolução humana por meio de um primata segurando um pedaço de madeira, pontiagudo e afiado, capaz de estender o domínio homo sapiens para além de seu próprio corpo, predando seres mais poderosos.

Se faz necessário um deslocamento dessa forma de contar a história, pois, até nessa nova forma de caça com instrumentos inventivos, só foi possível por meio da coordenação em grupos, agindo como um organismo capaz de desorientar suas presas, e as cansando em investidas surgidas por meio da colaboração.

E assumindo como de igual importância a cooperação além da caça, as pessoas responsáveis por coletar, seja grãos, frutas, pedras, sons, histórias. Abrir a narrativa para o ato de receber e juntar, criar ferramentas, ideias, sentimentos. Além do caçador, há o coletor, o cuidador, o contador, o curandeiro, o artista, o que ensina, que passa adiante, que elabora.

Essa estória não só tem Ação, como tem um Herói. Heróis são poderosos. Antes que você se dê conta, os homens e mulheres no campo de aveia selvagem, seus filhos, e as habilidades construtoras e os pensamentos dos pensadores e as canções dos cantores fazem todos parte daquela estória, foram todos colocados a serviço do conto do Herói. Mas esta não é a estória deles. É a dele. (GUIN, 2012, p.18)

Não se detendo ao homo sapiens. A própria vida somente foi capaz de surgir por meio da cooperação, muito antes da feitura de lanças e bolsas. Inicialmente por meio de bactérias unicelulares que se uniram para compor as células multicelulares, capazes de se complexificar por meio de cooperações cada vez maiores, até formarem tecidos, órgãos, sistemas, e estes por sua vez atuarem em uma cooperação para a manutenção da vida de animais e plantas.

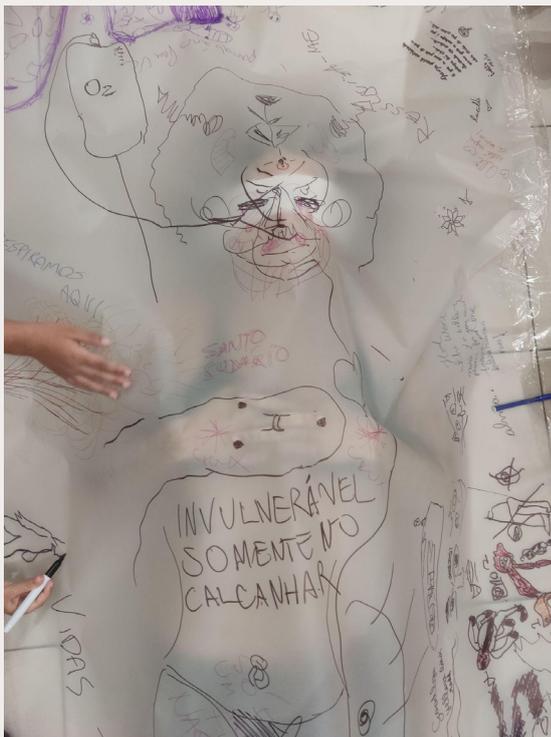
Aqui podemos questionar até mesmo quantos corpos existem dentro de um único corpo, o que deve ser considerado como possuidor de suas próprias corporeidades. Existem mais células no nosso corpo de bactérias não homo sapiens, do que as propriamente homo sapiens, e é por essa cooperação que fazemos nossos processos de Homeostase constantemente, não existiríamos sem isso, a ideia de um individualismo assim se torna cada vez mais ilusória.

Indo além, não faltam exemplos de plantas que necessitam de animais para espalhar suas sementes e frutos, animais que dependem de outros animais para a manutenção adequada de seus corpos, além.

Porém, é de importância deixar claro que aqui não se busca uma valoração da cooperação em relação ao conflito. Como demonstrado no tópico anterior, o próprio conflito, a tensão e o incômodo são de igual importância. Ambas, cooperação e tensão, são duas partes do mesmo processo que impele a vida adiante e possibilita a Homeostase dos corpos.

A vida de um organismo é mais do que a soma das vidas de cada célula que o compõe. Existe a vida do organismo por inteiro, a vida global, digamos assim, resultante da integração em alta dimensão das vidas contribuintes que ele contém. Essa vida transcende a de suas células, tira proveito dela e retribui o favor, sustentando-as. (DAMÁSIO, 2018, p. 83)

Imagem 4. Autoria: Trexy, Performance, 2024.



Fonte: Acervo pessoal da artista.

Na performance *Risca-Defunta*, essa cooperação surge por meio/com/junto de meu corpo. As pessoas se juntam para traçar linhas sobre o papel que pesa acima de mim, sem objetivos, direcionamentos, metas, ali podem deixar suas corporeidades fluírem para o papel, para meu corpo, enquanto se entrelaçam com as corporeidades de todas as outras que desenharam ao mesmo tempo ou já desenharam anteriormente. Surgindo uma massa corporal além da minha, além da das pessoas participantes, um corpo que é a soma desses e muito mais do que isso, não podendo ser dividido por uma igualdade entre as massas participantes. Um corpo novo, fruto da cooperação, fixado por meio de linhas em um papel, e que continua com sua corporeidade própria mesmo sem performer e sem o público participante.

Um corpo muda constantemente o que interage, assim como o que é interagido muda esse corpo. O que resulta da interação de diversos corpos? Um papel permanentemente transmutado, em que as canetas e linhas não passam de um intermediário facilitador, o resultado seria o mesmo com a ponta dos dedos. *Risca-Defunta* traz corpo por meio dos corpos.

5. Metamorfose

5.1 Transformação

É preciso também ter a metamorfose como aquilo que possibilita que os corpos se expandam e sobrevivam na prosperidade. Sendo parte fundamental de quem somos, nossas células e partes estão mudando constantemente, se transformando em algo diferente a partir de nosso nascimento.

Tendo em vista as concepções tratadas anteriormente de tensão e cooperação, as duas realizam uma dança, um jogo de forças que pode ser capaz de impelir as relações corporais para uma vivência mais saudável.

E essa dança resulta na metamorfose, por meio dela somos capazes de nos transformar

constantemente desde o momento em que fomos transmutadas em algo além das corporeidades de nossas mães e pais. Processo que continua ao longo de toda a consciência, seja no crescimento surpreendente de uma criança, nas alterações abruptas da adolescência, ou de uma suposta estabilidade após a vida adulta. Nos transformamos, meio pelo qual existimos antes do parto e depois da morte.

“Deslocar a sobrevivência como um medo da aniquilação, mas como atos cotidianos que nos possibilitam continuarmos transmutando” (BRASILEIRO, 2022, p. 74)

Imagem 5. Autoria: Trexy, Desenho, 2024.



Fonte: Acervo pessoal da artista.

5.2 O que permite a vida

Nossos corpos são compostos de inúmeras células que não param de morrer e florescer. O que somos atualmente nada mais é do que um estágio de um longo processo no ramo dos primatas, nomeado como Homo Sapiens para nos entendermos dentro de um recorte temporal baseado na linearidade. Mais do que isso, nossos corpos são umas das inúmeras possibilidades pelas quais a metamorfose atual com os mesmos elementos, olhos, bocas, ouvidos, ossos, corações, pele, escamas, pêlos ou penas. A Homeostase guia esse processo em direção a um corpo que pode existir em meio a prosperidade, o homo sapiens sendo apenas um rolar de dados em que pouco a pouco se priorizou as elaborações mentais com base no mapeamento de imagens.

A metamorfose é, a um só tempo, a força que permite a todos os seres vivos espalharem-se simultaneamente e sucessivamente por várias formas e o sopro que permite às formas conectarem-se entre si, passarem de uma forma para outra. (COCCIA, 2020, p.20)

Corpos não são fixos, mudam constantemente a todo instante. O pensamento ocidental tentou fixá-lo em uma anatomia semelhante à uma máquina, resultando em vivências corporais estagnadas no espaço-tempo, lutando na contradição de alcançarem padrões irrealis enquanto possuem um verídico de uma existência fixa.

A metamorfose assim possibilita um saber sobre o corpo que possibilita suas infinitas possibilidades inerentes. Carregamos a poeira do sol, a massa da terra, os processos sem fim que permeiam a vida e nos guia numa viagem alucinada para lugar nenhum. Transformando tudo com que interagimos, enquanto aquilo nos transforma de volta, um pensamento da Homeostase sobre o corpo requer a maleabilidade constante de nossas existências.

“(…) justamente porque é a troca de informações entre o corpo e o ambiente que vai fazer o corpo existir.” (KATZ, 2021, p.19)

Imagem 6. A autoria: Trexy, Desenho, 2024.



Acervo pessoal da artista.

5.3 Da impermanência à metamorfose

Comecei em 2024 a fazer uma série de desenhos, Da Impermanência à Metamorfose. Estava num ônibus de viagem, quando lembrei dos desenhos em nanquim feitos por Walter Wagner, não só ele, mas vários artistas de já certa idade se dedicavam ao desenho em nanquim. Constatação que cheguei com base no trabalho de anos dentro de acervos.

Então me perguntei por que eu não poderia fazer o mesmo, ali mesmo no ônibus peguei o caderno de anotações e comecei a esboçar formas em caneta preta. Surgiram figuras monstruosas, gro-tes-cas, corpos inchados com dois membros e asas de retalhos, olhando uma poça de água parada. Escorpiões em louvor jogando os braços aos céus, dois corpos de mãos dados ao fundo, com moléculas-meteoritos em primeiro plano.

E repeti, de novo, de novo e de novo. Em caneta nanquim, linhas finas e fortes, estáveis, capaz de multiplicar detalhes e relevos. Em tinta nanquim, linhas manchas, fluidas, delicadas ou bruscas. Em carvão, linhas grossas e rudes. Repetindo as mesmas figuras, pequenas, médias, grandes. A cada nova vez surgindo como algo novo, sem a busca da ruptura. Multiplicando-se em uma miríade de seres, complexificando-se por existirem em uma continuidade fluida, em metamorfose.

Imagem 7. A autoria: Trexy, Desenho, 2024.



Acervo pessoal da artista.

5.4 Fragmentos

Ela então se desesperou, chutando passos sobre a madeira lascada, provocando a dor que veio e subiu pelo corpo, penetrando fundo as feridas abertas pelas lascas. Esparramando sangue por todas as direções.

Não, nada daquilo estava correto. Os monstros se uniram em uma única massa de carne e tendões, ossos e fibras, em um grande anel retorcido, girando a sua volta com movimentos rítmicos nos planos verticais e horizontais. Era belo como o chão que tremia sob seus pés, já de pedra crua, àquela altura já entendia que estava tudo perdido. Então girou por si só, o chão tremeu como um tambor nas profundezas, parindo sombras indistintas do sangue que tudo cobria.

A sala rachou, junto dos espelhos e das cores. A criatura finalmente sorriu olhando para cima, vendo pedras e escombros caírem em sua direção. Agora finalmente seu corpo seria de retalhos, um só com todos os monstros. Seria lindo o movimento que fariam.

6. Conclusão

Este texto buscou traçar um esboço inicial a respeito das possibilidades de um saber do corpo que passe pela ideia da Homeostase. Um conceito da biologia repleto de significados.

Para isso elaborando a Homeostase em três diferentes pontos de interesse. O primeiro sendo a tensão, responsável por banir o anestesiamiento que perpassa os corpos na contemporaneidade e acessar questões encobertas, atuando em minha arte para isso por meio do grotesco, borrando barreiras e certezas. O segundo, sendo o da colaboração, de importância como uma alternativa ao individualismo que compõe a subjetividade geral, e como forma de entender o próprio corpo de maneira conjunta a vida como um todo. Na arte agindo para construção de corporeidade outras dentro da coletividade.

A tensão e a cooperação agem como contradições que possibilitam a potência no corpo. Desta contradição nasce a metamorfose, como uma ética que possibilita um entendimento do corpo em suas inúmeras possibilidades, passadas, presentes e futuras, e como uma constante da vida.

Esta pesquisa é a primeira tentativa de elaboração dessas ideias, por isso repleta de faltas, vazios e tropeços. Porém, são passos iniciais dentro de uma já longa caminhada, repletos de significados e ramificações ainda a surgirem, mas já em processo de metamorfose para algo novo. Assim como foi capaz de gerar essas dobras em mim enquanto pesquisadora, artista e pessoa, espero que seja capaz de tensionar/incomodar algo nos corpos de quem realiza esta leitura, um texto vive quando em cooperação com leitores, metamorfoseando em algo outro, diferente do que se metamorfoseia em mim, e por isso mesmo cheio de potência.

REFERÊNCIAS

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. **Quando o sol aqui não mais brilhar: A falência da negritude**. 1. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2022.

COCCIA, Emanuele. **Metamorfoses**. 1. ed. Rio de Janeiro: Dantes, 2020

CHRISTINE, Greiner. **Corpus Crip: Instauras Estranhezas Para Existir**. 1. ed. São Paulo: N1, 2023.

CHRISTINE, Greiner. **O Corpo: Pista Para Estudos Indisciplinados**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2006.

DAMÁSIO, António. **A Estranha Ordem das Coisas: As origens biológicas dos sentimentos e da cultura**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

GUIN, Ursula K.. **A Teoria da Bolsa da Ficção**. 1. ed. São Paulo: N 1, 2021.

KATZ, Helena. **Corpar: Porque o corpo também é verbo**. In: BASTOS, Helena. *Coisas vivas: fluxos que informam*. São Paulo: ECA-USP, 2021.

KASTRUP, Virgínia. **A Atenção Cartográfica e o Gosto Pelos Problemas**. Rio Grande do Sul: Rev. Polis e Psique, 2019.